

FREDERICO DUARTE CALMON CARVALHO

**O *Graffiti* na Sociedade Brasileira: Desdobramentos na Produção e
Comercialização de Materiais Artísticos**

Brasília, 2021

Frederico Duarte Calmon Carvalho

O *Graffiti* na Sociedade Brasileira: Desdobramentos na Produção de Materiais Artísticos

Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais, habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa

Brasília, 2021

Agradecimentos

Eu gostaria de registrar meus maiores agradecimentos às duas pessoas que iluminaram meu caminho para que eu pudesse chegar aqui com ciência dos meus objetivos diretos como artista e químico. Graças a vocês, pude chegar aqui bem, tendo definido o que faria para que todo o meu trabalho tivesse o maior rendimento, proveito e satisfação em realizá-lo quanto possível.

Agradeço ao meu pai, Sr. Yuri Gagarin Calmon Carvalho, por ter me apoiado sempre nesta trajetória, me mostrando como eu poderia conciliar a minha produção de materiais em casa, utilizando um equipamento de laboratório que ele mesmo fez, baseado em equipamentos já utilizados em laboratórios. Seus conhecimentos fantásticos no campo da eletrônica me auxiliaram muito até a atualidade de maneira imprescindível. Com você eu pude trazer o meu laboratório para casa antes mesmo da pandemia de Covid-19.

Agradeço à Professora Doutora Thérèse Hofmann por ter me apoiado nos momentos em que eu mais precisei em uma fase tão difícil e de mudanças tão rápidas. Obrigado por ter me mostrado um caminho para trabalhar naquilo que eu faço e gosto, por ter me apontado alternativas para continuar desenvolvendo materiais artísticos, e por ter topado e acolhido a minha causa nesta monografia de Bacharelado em Artes Visuais. Agradeço também por fazer tantos estudantes de artes compreenderem o grau de importância que tem a nossa caminhada, e por nos auxiliar a nos valorizar enquanto classe.

RESUMO

Esta monografia de conclusão de curso apresenta minha trajetória na área da arte urbana como grafiteiro e artista, e também meu percurso na Universidade de Brasília como licenciado e pesquisador. Trago um relato autobiográfico apresentando algumas das experiências que tive trabalhando com esta temática desde o início da minha carreira, também analisando aspectos históricos e sociais do *graffiti*.

Minha experiência na arte urbana me guiou a investigar a pesquisa e produção de tintas para o campo, como tintas com base em álcool, tintas acrílicas, tintas especiais, canetões, marcadores e pinceis, produzidos durante dois projetos de iniciação científica. Há também a análise de aspectos científicos da produção das tintas, disponibilizando a metodologia de produção desenvolvida, assim como as estratégias e os procedimentos executados para a produção e comercialização dos produtos finais.

Palavras-chave: *graffiti*, arte urbana, muralismo, materiais em artes visuais, produção científica

Lista de Figuras

Figura 1 – Detalhe em Mural de Diego Rivera, <i>La historia de México: de la conquista al futuro</i>	11
Figura 2 – Arte Urbana em Estêncil.....	14
Figura 3 – Comitê formador do Fórum de Graffiti do DF.....	16
Figura 4 – Equipamento Semi-Industrial.....	20
Figura 5 – Tintas, Testes e Experimentos.....	21
Figura 6 – Pontas de Feltros.....	22
Figura 7 – Produtos Finais.....	22
Figura 8 – Trabalho Autoral de Arte Urbana.....	24
Figura 9 – Processo de Criação.....	25

Índice

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1. Minha Trajetória.....	8
1.2. Formação superior em Licenciatura.....	9
2. O GRAFFITI BRASILEIRO E SUAS VERTENTES.....	10
2.1. Legislação.....	15
3. PIBIC 2019-2020.....	17
3.2. PIBIC 2020-2021.....	18
3.3. Para além do PIBIC - Desdobramentos.....	23
4. TRABALHO AUTORAL DE ARTE URBANA.....	23
5. CONCLUSÃO.....	25
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

A Arte Urbana está em quase todos os lugares urbanizados do Brasil. De Norte a Sul no país, podemos encontrar fragmentos dela praticamente em todas as direções em que olhamos, sejam em comércios, casas, passagens subterrâneas, viadutos, pontes, caixas de subestação elétrica ou paradas de ônibus.

É praticamente inevitável não encontrar ao menos uma intervenção instalada em alguma praça ou em ambientes onde convivam as massas. Mesmo em lugares onde não existem funções públicas ou em locais abandonados, há aquele *graffiti*¹ ou intervenção urbana que expõe os traços de alguém que passou por ali, com o propósito de explorar e conhecer o local, ou apenas registrar algo nas paredes. Nas ruas, em locais públicos, é possível observar imagens, painéis, até mesmo murais, dividindo o espaço visual com colagens, letreiros, banners, propagandas e outros objetos do cotidiano.

O *graffiti* tem se difundido de maneira muito intensa nos meios urbanos, onde traçar, registrar, gravar ou documentar, de forma consciente ou não, fatos e situações ao longo do tempo, dizem respeito a uma necessidade humana (DENNANT, 1997). Tendo em vista que o *graffiti* está presente em quase todos os lugares por onde passamos nos centros urbanos, vamos apresentar o início da minha trajetória nesta área, depois minha formação acadêmica em licenciatura de Artes Visuais, e então as referências e aspectos históricos deste movimento artístico.

Após nos situarmos sobre este contexto, vamos para minha produção de tintas e materiais artísticos para este campo. Esta proposta vem com o intuito de mostrar a minha produção pictórica, assim como a produção de materiais realizada ao longo de dois Projetos de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), e também para dialogar sobre o contexto no qual se inserem estas obras de Arte Urbana, sejam

¹ Optou-se pela grafia em inglês do movimento artístico devido a sua origem e como é mundialmente conhecido.

elas escritas, gravadas, pintadas ou desenhadas, colocando o *graffiti* em foco para análise, foco e aprofundamento.

1.1. Minha Trajetória

Meu interesse sobre a Arte Urbana surgiu durante o Ensino Médio, quando eu comecei a observar mais o que os muros da cidade registravam. Devo registrar que naquele período eu não estava me sentindo muito bem, e de alguma maneira, os muros da cidade me faziam escapar um pouco da realidade. Eu observava e analisava, me aprofundava para tentar encontrar aquilo que os autores ou autoras queriam falar, até que naquilo eu me encontrei, me identifiquei. Encontrei na Arte Urbana uma válvula de escape mental, uma forma de me expressar e botar pra fora alguns sentimentos pessoais, me sentindo melhor depois deste processo. Em pouco tempo, acabei gostando, achando agradável e fascinante essa forma de expressão tão instigante. E desta forma eu comecei a praticar esse grito da alma para as ruas, e percebi que aquilo que eu via e fazia, era para muito além daquilo que eu sentia, era também uma forma de me conectar com o mundo e com a vida.

Logo após este primeiro contato, comecei no *graffiti* em 2014, aos meus 16 anos de vida, quando comecei a produzir, recortar e pintar estênceis, me inspirando em artistas ou coletivos como Banksy, precursores do movimento da Arte Urbana, onde os artistas também adaptam moldes de gravuras que são usados nas fábricas e indústrias para a arte de rua. Eu assistia a vídeos na internet, buscando novas referências deste movimento e também por imagens de obras mais expressivas, ou românticas no sentido conotativo (JARDIM, 1999).

Em pouco tempo pesquisando essas referências artísticas e buscando praticar o tanto quanto possível, me adentrando e conhecendo este mundo da Arte Urbana, percebi que eu não era o único interessado no tema durante o Ensino Médio, e foi quando eu conheci alguns colegas que também praticavam o *graffiti*, e então começamos a pintar juntos. Nunca mais parei de praticar e adorar a Arte Urbana, e pouco a pouco fui trabalhando com outras linguagens semelhantes a dos estênceis, como o *graffiti* enquanto arte, pintando personagens, letras, e até mesmo

algumas colagens poéticas. Hoje em dia, depois de alguns anos de experiência, também trabalho fazendo telas e murais.

1.2. Formação superior em Licenciatura

Entrei para o Departamento de Artes Visuais em 2015, e durante a minha formação acadêmica em Licenciatura de Artes Visuais, tive a oportunidade de trazer esses elementos de expressão das ruas para as salas de aula, com a necessidade que eu sentia de unificar o que eu estava produzindo no campo artístico com a licenciatura, onde escolhi de maneira prática trazer esse desdobramento que é feito nas ruas com o desenvolvimento acadêmico e estudantil.

Na graduação em licenciatura tive a oportunidade de elaborar dois planos de aulas, um para o Ensino Médio e outro para a Educação de Jovens e Adultos, onde os estudantes aprendem sobre o contexto de cada vertente, sobre a legislação vigente, observam referências trazidas pelo professor, e eram instruídos a fotografar obras de Arte Urbana, de *graffiti*, pichação ou arte de rua num aspecto geral entre o caminho da escola para a casa ou da casa para a escola. Por fim, os estudantes receberam instruções sobre o uso das ferramentas e materiais artísticos, e intervieram em um muro da instituição de ensino previamente autorizada pela direção da escola, trabalhando as pinturas com temáticas da atualidade, tais como o dia do professor ou o dia da consciência negra.

Desde o ensino médio, quando iniciei no mundo da Arte Urbana, sempre tive o interesse em desenvolver os materiais caseiros mais simples que eram utilizados na arte urbana para fins de produção minha e de meus colegas. Durante este período até a Universidade, continuei desenvolvendo o básico, até que tive a disciplina de Materiais em Artes 1, lecionada pela Professora Doutora Thérèse Hofmann Gatti, no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília. Nesta disciplina, tive a oportunidade de aprender a criar diversos materiais artísticos também utilizados no *graffiti* e na Arte Urbana. Para o trabalho final apresentei o projeto: A tinta com base em álcool, muito utilizada no abastecimento de marcadores, canetões e pinceis atômicos, utilizados tanto para os esboços e

rascunhos de trabalhos maiores, quanto para os trabalhos finais em desenhos, escritas e ilustrações.

2. O GRAFFITI BRASILEIRO E SUAS VERTENTES

A palavra “*graffiti*” é o plural do termo italiano “*graffito*”, verbo que significa arranhar, raspar, ou substantivo para áspero (GITAHY, 1999, p. 13). Em outras eras, nossos ancestrais também deixaram as suas marcas, seus registros, suas mãos, suas histórias, através das pinturas rupestres. Mesmo depois de mais de 10.000 anos esses registros ainda existem, conservados no abrigo do Sol e das chuvas, em grutas e cavernas pelo mundo, e muitas dessas expressões artísticas são nativas brasileiras (Mello, V. M.; Suarez, P. A. Z., 2012, p. 4). Esses registros, essas marcas, eram projetadas nas paredes rochosas das cavernas e grutas com o uso de pigmentos e tintas orgânicas e naturais, oriundas de frutas, sementes, e até mesmo sangue. No Antigo Egito, existem registros históricos de pinturas murais, trazendo narrações num misto entre imagem e texto (GITAHY, 1999).

A pichação não é exclusividade das sociedades atuais. Ao contrário, as paredes das cidades antigas eram tão pichadas quanto as de hoje, ou muito mais. Havia de tudo nessas pichações. Ao julgar pelas paredes de Pompeia, a cidade vitimada pela erupção do vulcão Vesúvio em 24 de Agosto de 79 d.C., e por isso preservada, predominavam xingamentos, cartazes eleitorais, anúncios, poesias, praticamente tudo se escrevia nas paredes (GITAHY, 1999, p. 21).

Já no século XX, pintores mexicanos iniciavam o movimento do muralismo, pintando fachadas de prédios, edifícios residenciais, sindicatos e demais locais onde se concentravam as massas, utilizando as técnicas da pintura mural, onde eram retratados trabalhadores de base e revolucionários em contexto do conflito armado

que deu origem a Revolução Mexicana, sendo Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros e José Clemente Orozco os três pintores mais conhecidos deste movimento.

Figura 1 – Detalhe em Mural de Diego Rivera, *La historia de México: de la conquista al futuro*



Fonte: <https://www.culturagenial.com/es/muralismo-mexicano-importancia/> acesso em 20/04/2021

Pode-se assumir nestas obras mencionadas aqui nestes contextos históricos, características de *graffiti*, predominando as funções decorativas, ritualísticas, entre outras funções aqui não mencionadas mas não menos importantes, com técnicas antecessoras em comparação às da atualidade.

No Brasil, essas manifestações começaram a surgir em 1950, tomando forma em 1960 com a introdução do spray, sendo consideradas como linguagem artística em 1980, conquistando espaço na mídia e nos jornais. Um dos acontecimentos mais marcantes na fase inicial do *graffiti* no Brasil, foi em 1988, quando os artistas Rui Amaral, Ana Letícia, Beto Marson, Marco Passareli, Numa Ramos, Beto Pandim, Jorge Luiz Tavares, Júlio Barreto, John Howard e Maurício Villaça foram presos pela Guarda Municipal ao tentar fazer uma homenagem em *graffiti ao aniversário* da cidade de São Paulo. O caso repercutiu, chegando à Bienal Internacional de São Paulo, e várias mídias e jornais nacionais e internacionais (GITAHY, 1999, p. 36-37).

Com o passar dos anos, transformações aconteceram, experiências se adaptaram e se atualizaram. Sabemos que antigamente nossos ancestrais, com suco de frutas e pigmentos na boca, sopravam e borrifavam, desta forma, gravando suas mãos nas paredes. Hoje em dia, a borrifada pode vir de uma lata de spray com tinta acrílica e pressão. Nos dias de hoje, o significado e os resultados do movimento artístico e contemporâneo do *graffiti* são vários, temos novas correntes. Este movimento é complexo e conta com muitas vertentes, que até contrapõem-se em diversos aspectos e características, como nos contrapontos sobre ser legal ou ilegal, autorizado ou clandestino, belo ou feio, ajustado ou irregular, sobre ser letra ou ser personagem, figurativo ou abstrato, e enfim, algumas dessas características vamos expor aqui nesta monografia, logo após a problemática que existe nestas questões sobre o que é o que não *graffiti*, arte urbana ou pichação.

Muitos grafiteiros, artistas de rua e pichadores, veem o que fazem como uma relíquia de suas próprias vidas. Eventualmente, enxergam seu trabalho como uma extensão de sua própria existência. Alguns têm a consciência de que mesmo quando eles não estiverem mais aqui, outros artistas, grafiteiros, pichadores, amigos, conhecidos, e interessados na causa ainda poderão senti-los através das escritas nas paredes, cada situação em cada local. O que motiva essas pessoas a continuarem neste movimento é praticamente inexplicável, essa resposta varia entre cada agente praticante de cada vertente do movimento.

Se este movimento com origens milenares nunca deixou de existir, por que tanto tentam criminalizar, marginalizar ou abordar de forma violenta nos dias de hoje? Porque tentam interromper um movimento que se dá de forma tão natural e oriunda desde profundos tempos de existência da humanidade?

Pelo mundo, a corrente do *graffiti* se espalhou com o tempo. Do Brasil ao Japão, podemos ver fragmentos deste movimento espalhados por diversos locais, como em muros, fachadas, latões de lixo, paradas de ônibus e até mesmo em altíssimos painéis publicitários (*outdoors*). O *graffiti*, a pichação e a arte de rua atualmente são vistos de maneiras distintas por diferentes pessoas, nem todos que não participam destes movimentos sabem diferenciá-los. Nem mesmo os

participantes destes movimentos chegam a um consenso sobre o que cada termo significa e representa.

Para alguns membros atuantes nestes movimentos, a arte urbana e o *graffiti* são a mesma coisa e têm os mesmos propósitos, e a pichação se assemelha muito com o *graffiti*, variando somente em suas referências caligráficas. Para muitos que não participam destes movimentos, o *graffiti* só existe quando é autorizado e é legal, se for ilegal, consideram ser pichação. No entanto, estes dois termos, *graffiti* e pichação, designam movimentos que podem ser ilegais em sua maior proporção.

O movimento que deu origem ao nome *graffiti* em Nova York na década de 80 era ilegal, e para os participantes e conhecedores deste movimento isso é claro: Só era considerado *graffiti* aquilo que era feito de maneira ilegal, infracionária ou interventora, ao originalmente pintarem dos trens das estações de metrô até os subúrbios da cidade. A clandestinidade fazia parte daquilo que consideravam legítimo enquanto manifestação artística, sendo somente reconhecida como linguagem artística nos EUA em 1975 com Keith Haring e Jean-Michael Basquiat, grafiteiros do metrô nova-iorquino, registrando presença na primeira grande exposição de *graffiti* no Artists Space, em Nova York (GITAHY, 1999).

O cidadão comum e não praticante desta manifestação normalmente acredita que *graffiti* é aquela pintura feita comercialmente ou de maneira autorizada, no entanto, praticantes consideram *graffiti* serem inclusive as letras coloridas feitas em locais públicos e privados de maneira não autorizada. Já as pinturas legalizadas, acordadas, feitas sob contrato, comerciais ou não, podem levar outros nomes, como arte urbana, pintura, mural, painel, pintura comercial, dentre outros títulos.

Mas até mesmo a arte urbana pode ser ilegal, tais como as colagens artísticas feitas de maneira clandestina nas rodoviárias, os estênceis pintados sobre as paradas de ônibus das cidades, ou até mesmo adesivos não oficiais colados em placas de trânsito. Nem toda intervenção urbana presente no nosso cotidiano tem a autorização específica para isso, mesmo porque muitas delas possuem mensagens e dizeres de protesto que vão contra o governo e as autoridades locais.

Figura 2 – Arte Urbana em Estêncil



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho, 2019

O que sabemos é que, o *graffiti* moderno surgiu como uma forma de expressão visual da cultura popular do Hip-Hop, nos meados da década de 1980. Inicialmente, apenas letras eram feitas, mas em um curto espaço de tempo, as formas começaram a evoluir e se aprimorar, personagens e *cartoons* eram elaborados nos trens das estações de metrô e nos trens ferroviários. Aqui no Brasil, este movimento se fundia com um novo termo, completamente brasileiro, pichação. O termo que oriunda esse movimento, pichação, é surgido aqui no Brasil, sem tradução formal para nenhuma outra língua. Em outros países, as assinaturas nas paredes são assimiladas como *graffiti*. No Brasil, o estilo único das letras proporcionou a origem de um novo movimento e termo. Aqui, cada estado possui diferentes estilos de caligrafia e diferentes referências de escritas.

O termo pichação é brasileiro e atualmente não é compreendido por todos. No senso comum mais popular, muitos brasileiros acreditam que *graffiti* é o que fica bonito e a pichação é o que fica feio. Mas a pichação nada mais é do que o termo que denomina este movimento, onde o pichador escreve seu vulgo em algum lugar, visível ou não, porém não autorizado. O *graffiti* da década de 1980 também tem essa característica, e se difere unicamente no estilo visual e nas referências das caligrafias utilizadas. No *graffiti* moderno, para além dos personagens, se tem letras diferentes das utilizadas na pichação, geralmente maiores, coloridas e preenchidas. Nessas duas vertentes, clandestinas e ilegais, se tem um ponto subversivo que por

muitas vezes impacta o olhar do observador que acaba de ver uma obra em algum lugar destacado da cidade.

2.1. Legislação

A lei 9.605 de 1998, no Artigo 65, trata sobre as penas e multas em casos de pichação ou conspurcação de edificação ou monumento urbano. Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada, a pena é de seis meses a um ano de detenção e multa. Há também, no Artigo 65 desta lei, um inciso dizendo que não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística (Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm).

Sabemos que a legislação do DF prevê que até mesmo o incentivo e a valorização do *graffiti* feito como intervenção artística em espaço público ou privado, mediante autorização, como prevê o decreto 39.174/2018, que tenho orgulho em dizer que fiz parte de sua criação. Em 2017, foi sancionada a lei distrital 6.094/2018, que na prática, institui uma multa de vinte e cinco mil reais para alguém que for flagrado pintando em algum lugar, e até mesmo uma multa de cem mil reais em caso de patrimônios tombados. A lei não faz distinção entre o que é graffiti e o que é pichação, e está repleta de defeitos complexos. Parte da sociedade civil praticante da arte urbana e do *graffiti* ficou revoltada com a forma como essa lei institui essas multas tão abusivas e de forma tão discriminatória (Fonte: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/4baa7c43537a414db6d9813e49f53193/Lei_6094_02_02_2018.html).

Enquanto estive pintando alguns espaços públicos, tive a finalidade de renová-lo, valorizar o patrimônio ou trazer uma atmosfera mais positiva para a sociedade, trazendo cores, mensagens, pensamentos e questionamentos. Eu, assim como meus colegas atuantes nestes movimentos artísticos, não concordamos com a forma com que esta lei aborda a nossa classe. Existem códigos que regem os valores a serem tributados do cidadão comum para determinados fins, e esta lei, que estava em vigor, desrespeita a outros pilares do Estado de Direito, atravessando

instâncias jurídicas, como os princípios de razoabilidade e proporcionalidade de pena (PISKE, Oriana, 2011).

A sociedade civil praticante da Arte Urbana no DF, revoltada com a situação em 2017, se organizou, e juntos, conseguimos contato com algumas entidades, instituições e órgãos que poderiam nos coligar com o então governador Rodrigo Rollemberg e com o Palácio do Buriti, a fim de discutirmos acerca desta lei. Como resultado desta organização, conseguimos agendar meia hora de conversa com o ex-governador Rodrigo Rollemberg e assessores do governo em uma sala de reuniões no Palácio do Buriti. Lá, apontamos alguns dos defeitos e pontos negativos desta lei, incluindo controvérsias da própria, e contradições com outras leis. Apontamos em seguida, contrapropostas de outros códigos que instituíram a valorização do *graffiti* enquanto arte em outros estados, como em São Paulo e no Rio de Janeiro. Por fim, esta conversa e articulação, gerou o decreto 39.174/2018, que promove a valorização do *graffiti*, atualmente através de eventos anuais que revitalizam locais, mas com uma série de metas ainda a serem cumpridas pela Secretaria de Cultura.

Figura 3 – Comitê formador do Fórum de Graffiti do DF



Fonte:

<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2018/03/15/representantes-do-forum-de-grafite-articulam-valorizacao-do-movimento-no-df/>

3. PIBIC 2019-2020

Além de aprimorar na técnica, também busquei conhecer o próprio material usado na técnica do *graffiti*. Além da expressão, meu interesse na área também me levou a desenvolver o material. Durante minha graduação, tive a oportunidade de dar continuidade ao meu trabalho final em Materiais em Arte 1, lecionado pela Professora Doutora Thérèse Hofmann. Submetemos projeto (título do projeto) ao edital de Programa de Iniciação Científica em (data). Neste primeiro projeto de iniciação científica busquei produzir tintas à base de álcool, utilizando materiais como pigmentos orgânicos e minerais, aglutinantes compatíveis, e especificadas estruturas de álcool como diluentes. O projeto também gerou marcadores, pinceis e canetões obtidos através de materiais recicláveis, propondo fontes sustentáveis de consumo. Durante esta produção, foram reaproveitados frascos de polietileno de alta densidade (HDPE) e baixa densidade (LDPE), como frascos de corantes de tinta e de colírio, dentre outros recipientes de produtos farmacêuticos à produtos artísticos. As tintas e os marcadores produzidos neste projeto podem ser utilizados tanto nos ambientes internos quanto nos ambientes externos. Testes demonstraram que as tonalidades originais resistiram com firmeza à presença de luz solar e fortes chuvas depois de expostas por determinado período de testes.

Atualmente em lojas com produtos para artes e artesanato no âmbito do Distrito Federal, se produzem produtos de qualidade para as mais variadas técnicas artísticas. Porém, o alto preço dos produtos artísticos disponíveis neste mercado fizeram com que fosse fundamental ser criada uma alternativa mais viável, que fosse rentável para o consumidor também.

O alto preço de materiais similares no mercado artístico encaminhou o projeto a buscar formas de produzir e desenvolver estes materiais com a mesma qualidade de marcas já conhecidas a muitos anos no mercado, mas com um preço muito melhor para os consumidores finais, tendo em vista que as marcas de maior histórico são estrangeiras e tem maiores taxas de frete e importação até chegarem aqui para o consumidor final. A produção gerou uma marca brasileira com um e-commerce funcionando em escala semi-industrial para proporcionar tintas e marcadores de alta durabilidade para todo o país.

Do início ao fim, a produção visou reciclar todo o tipo de material possível para que a produção, a criação e as descobertas reaproveitassem o máximo de recursos possíveis. O projeto reciclou desde o início todas as garrafas pet que armazenam as tintas produzidas, incluindo os recipientes e frascos vazios que confeccionaram os marcadores e os feltros que formam as pontas dos mesmos.

O projeto fez com que a qualidade e a durabilidade dessas tintas fossem fortes, para que sejam muito úteis para obras brilhantes que podem resistir às ações do tempo, permitindo assim que a tinta fosse usada em ambientes internos e externos, sem perder o seu brilho e seu teor durável. Testes foram feitos acompanhando a degradação das tintas em exposição à forte luz solar, seguidas de algumas chuvas, entre Dezembro de 2019 e Abril de 2021. Estas tintas servem para múltiplas finalidades, podendo ser utilizadas em telas, quadros, painéis, murais, letreiros e até na decoração geral, e graças à praticidade dos marcadores, podem ser transportadas facilmente como ferramentas muito úteis, inovadoras e altamente adaptáveis para quaisquer superfícies, servindo como pincéis onde o artista não precisa mergulhar as cerdas no godê, mas onde a pressão exercida no recipiente do pincel mergulha o feltro em tinta.

O alto preço de materiais como este no mercado torna essa pesquisa fundamental para o campo, isso sem mencionar o esquecimento de grandes empresas sobre o lado sustentável e ecológico de seu negócio. Com o avanço desta pesquisa, temos novas opções renováveis de materiais artísticos ao alcance de pintores, desenhistas, ilustradores, artistas, grafiteiros, muralistas, acadêmicos e estudantes de arte.

3.2. PIBIC 2020-2021

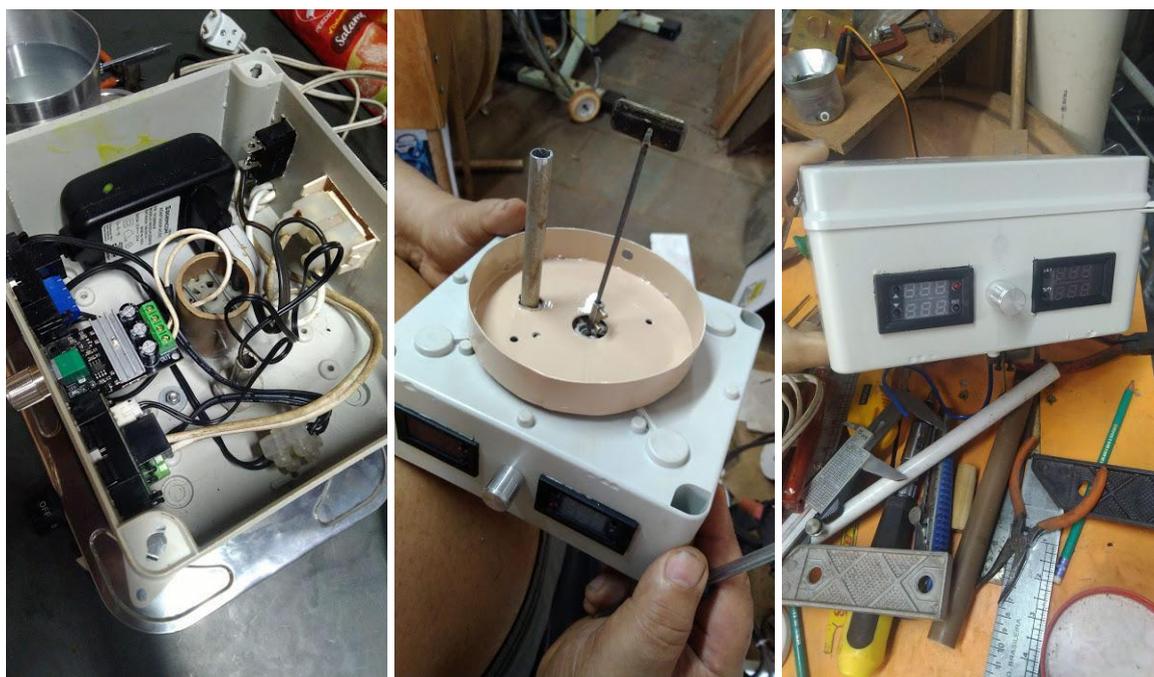
Para o avanço desta pesquisa desenvolvendo tintas fortes e duráveis, produzindo marcadores, pincéis e canetões, alguns recipientes vazios com entradas de 3mm a 30mm foram utilizados, e para manufaturar as pontas dos canetões, feltros, filtros e panos foram utilizados na confecção dos marcadores.

A pesquisa sempre teve como objetivo, através dos testes e dos experimentos, descobrir os melhores pigmentos, corantes, aglutinantes, solventes, diluentes e aditivos para estas tintas alcançarem as melhores características, tanto ecológicas quanto qualitativas. Durante este projeto, o produto gerado foi fornecido pelo menor preço de produtos semelhantes no mercado comum, foi trocado e comercializado, a fins de ser propagado e divulgado, contribuindo para a causa ecológica, sustentável e produtiva no campo artístico.

Após os testes, a produção foi iniciada com os pigmentos que mais deram sucesso no primeiro projeto de pesquisa, se mostrando potentes e aptos para a produção das tintas com base em álcool. Neste período, pigmentos, aglutinantes, resinas e solventes foram utilizados para a produção destas tintas que resultaram cores pretas, vermelhas e violeta. Algumas destas cores tiveram mais de uma fórmula desenvolvida devido ao aprimoramento com em relação aos feltros utilizados. Algumas tintas funcionam melhor com relação ao fluxo de tinta e a durabilidade, dependendo da superfície utilizada e do tipo de feltro. Devido ao resultado positivo demonstrado ao final do primeiro projeto e também no segundo, nesta etapa de testes e pesquisa com os pigmentos, novas cores com pigmentos de estruturas semelhantes serão utilizadas para gerar novas tintas, como a ciano, turquesa e magenta, além de novos tipos de materiais a serem gerados, com o giz pastel seco e oleoso.

A maior parte da produção foi feita em casa com os equipamentos de segurança adequados para este trabalho, mas inicialmente foi feita no Laboratório de Materiais e Combustíveis disponibilizado pela Universidade de Brasília, utilizando equipamentos como o agitador magnético com aquecimento. Em um período pouco antes de Dezembro de 2019, a produção foi transferida para casa, utilizando um equipamento ainda sem nome, desenvolvido pelo Sr. Yuri Gagarin Calmon Carvalho, que funciona como um agitador, homogeneizador, misturador e aquecedor de tintas. Há neste equipamento também um temporizador que possibilita desligar automaticamente o motor quando a mistura tiver sido feita pelo tempo adequado.

Figura 4 – Equipamento Semi-Industrial



Fonte – Frederico Duarte Calmon Carvalho, 2020

Este equipamento eletrônico foi desenvolvido para esta prática e pode também ser um avanço tecnológico com em relação a equipamentos de laboratório, pois atua com finalidades semelhantes, mas conta com diferentes características de equipamentos como o agitador magnético com aquecimento embutido já utilizado em laboratórios. Outras ferramentas também foram utilizadas na produção dos marcadores, pinceis e canetões, tais como estilete, alicate de bico, alargadores e tesoura no processo manufaturado das pontas de feltro e dos marcadores.

Durante esta produção, os componentes foram adicionados a recipientes de vidro como beakers de 250 ml e 500 ml e erlenmeyer de 1 L. Para a criação da base a tinta, ao recipiente foram adicionados os solventes e diluentes em conjunto com os aglutinantes e resinas em homogeneização e aquecimento por períodos determinados de acordo com a quantidade. Após o preparo da base, os pigmentos, corantes e aditivos são adicionados à mistura ainda em aquecimento e homogeneização. Parte dos recursos e materiais utilizados nesta etapa da produção de tintas podem ser conferidos no livro *“Green Guide for Artists: Nontoxic Recipes, Green Art Ideas, & Resources for the Eco-Conscious Artist”*, livro este que me inspirou a buscar alternativas ecologicamente sustentáveis para a produção. Todos

os equipamentos de segurança necessários também foram utilizados durante todo o projeto, tais como luvas descartáveis, óculos de proteção, máscara para pintura e roupas adequadas.

Figura 5 – Tintas, Testes e Experimentos



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho e Maria Giulia Guerra Chaves, 2020/2021

Os pincéis, marcadores e canetões gerados durante esta pesquisa foram obtidos através de materiais reciclados em um processo de 4 etapas: Higienização; Manufatura das pontas de feltro, Abastecimento de Tinta e Rotulagem dos produtos.

O processo de higienização consiste em esterilizar os frascos, recipientes e pontas, mergulhando estas partes separadamente sob álcool etílico 70% ou álcool de superior porcentagem em gramas de álcool absoluto (INPM²), após limpeza com sabonete líquido neutro, removendo possíveis resíduos que eventualmente se encontravam.

A manufatura das pontas é a etapa onde se produz a ponta de feltro a ser utilizada nos pincéis, marcadores e canetões com as tintas geradas a partir desta produção. Este processo é feito de maneira manual, utilizando ferramentas como estilete, alicate de bico, alargadores e feltros de diversos tipos de materiais que foram experimentados, como algodão, esponja, fibra de poliéster, fibra abrasiva e espuma. Alguns destes materiais foram cedidos pelo Laboratório de Materiais Expressivos (LEME), como os reservatórios com envoltório de polietileno extrudado

² O °INPM (grau INPM, Instituto Nacional de Pesos e Medidas) é a razão em gramas de álcool absoluto contido em 100 gramas de uma mistura hidro-alcoólica.

e fibra de poliéster. Além destes materiais cedidos pelo LEME, também foram reutilizados e reciclados outros materiais tais como buchas, panos e tecidos diversos.

Figura 6 – Pontas de Feltros



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho, 2019

Após a manufatura das pontas, os recipientes são abastecidos com as tintas produzidas. Os testes realizados nos permitiram criar tintas à base de álcool nas cores preta, vermelha e violeta, além de uma tinta furtacor, descoberta por acaso através de experimentos e testes variados. Os marcadores e pinceis também podem ser utilizados com tintas diversas com outras à base de álcool, tintas acrílicas ou esmalte sintético.

Figura 7 – Produtos Finais



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho, 2020

3.3. Para além do PIBIC - Desdobramentos

Após os testes, a produção das tintas e a confecção dos materiais artísticos, os produtos finais foram distribuídos, trocados e comercializados, à fins de serem divulgados e custearam as novas etapas da produção, que trouxeram novos modelos de marcadores de diferentes tipos e tamanhos, além de a distribuição aumentar a perspectiva de crescimento e de avanço das pesquisas, novas cores estarão disponíveis mais à frente.

Neste período, pude observar o retorno de artistas, colegas e clientes quanto em relação ao uso do material em diferentes áreas, podendo aprimorar mais qualidade do material em relação à exigência do consumidor. Este período trouxe bastante movimentação quanto ao uso e distribuição do material, tornando fundamental a criação de um e-commerce funcional e prático para as vendas em diferentes estados do país. A loja virtual gerada à partir desta etapa do desenvolvimento proporcionou que o produto final desta produção chegasse nas mais diversas cidades e estados, das capitais aos interiores, contando com a parceira de empresas como o Melhor Envio e os Correios, que somadas às minhas pesquisas e estudos, puderam viabilizar os fretes mais em conta quanto possíveis para os diferentes pedidos, que foram de unidades dos materiais artísticos à reabastecedores em litros para lojas em outros estados.

4. TRABALHO AUTORAL DE ARTE URBANA

Este trabalho autoral realizado para meu trabalho de conclusão de curso surgiu como resultado de uma oficina de *graffiti* realizada em Sobradinho 2 pela tutoria do professor Vinícius Martins Rodrigues, também conhecido pelo apelido “Lapixa” no *graffiti*, do grupo Azulim, uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP) que desenvolve projetos e atividades em benefícios da comunidade, dentre eles o projeto Jovem de Expressão. Nesta oficina, o professor tutor ensinou alguns conceitos básicos de estilos e modalidades de *graffiti*, tais como: As *Tags*, estilos de caligrafias adaptados para a arte de rua com sprays, marcadores ou canetas; O *Throw-Up*, caligrafias elaboradas com no máximo três cores utilizando sprays, e o *Wild-Style*, caligrafias muito elaboradas artisticamente,

utilizando várias cores com sprays a ponto de ficar praticamente ilegível ou abstrata (RODRIGUES, Vinícius Martins, 2021). Além das modalidades, os alunos aprenderam também sobre alguns conceitos históricos do *graffiti* citados previamente nesta diplomação através de outras fontes.

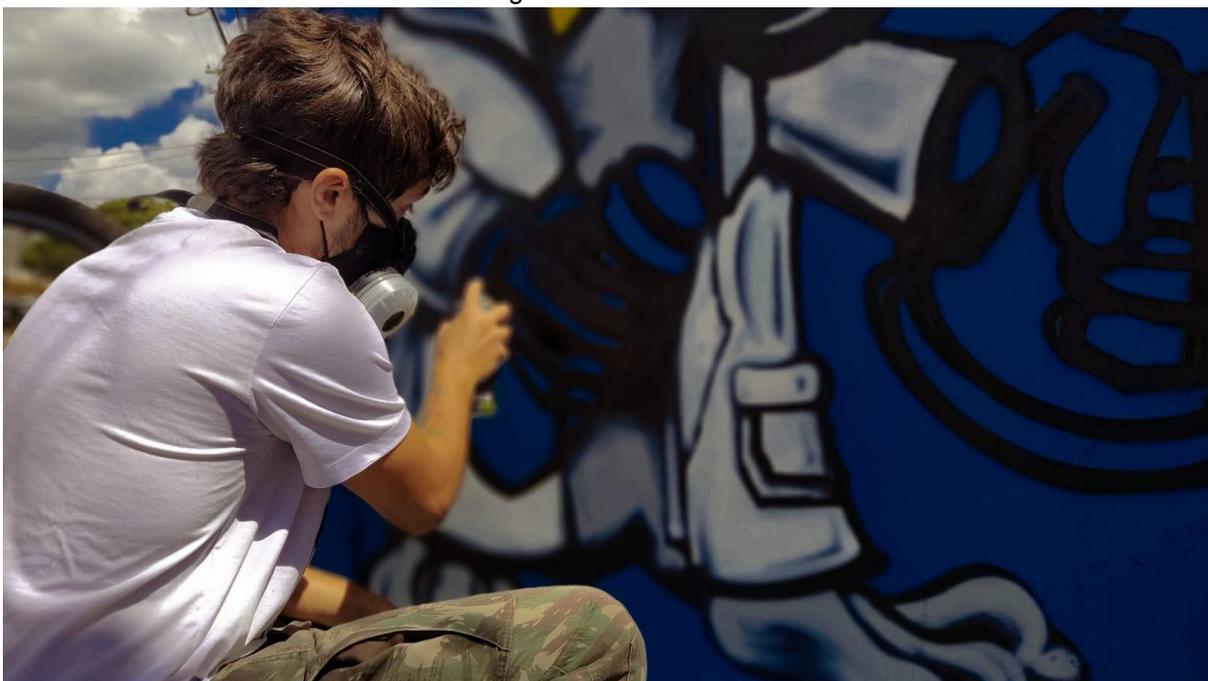
Aproveitando este evento, pude trabalhar na construção de um personagem caricato que representa minha produção de tintas e marcadores na atualidade, criando um rato zoomorfizado como um cientista ou químico no processo de criação das tintas, compondo um mural unificado com o professor e demais alunos na sede do grupo Azulim. Este mural foi pintado dia 17 de Abril de 2021, onde pude desenvolver meu personagem em desenho ou *cartoon*, uma das modalidades do *graffiti*. Por inicialmente em minha trajetória na arte urbana eu pintar majoritariamente locais abandonados ou sem funções públicas, acabei adotando o rato como personagem no *graffiti*, já que ele é o residente de locais mal cuidados e se alimenta de restos ou de desperdícios. Além disso, na caligrafia, a combinação das quatro letras no *graffiti* me despertou um interesse pela possibilidade de criações e combinações, como o anagrama com *art*, ou a junção do A com O, representando o símbolo do anarquismo, corrente política, antropológica e filosófica ao qual estudo e sou adepto de algumas vertentes.

Figura 8 – Trabalho Autoral de Arte Urbana



Fonte: Frederico Duarte Calmon Carvalho, 2021

Figura 9 – Processo



Fonte: Mickaely Brandão, 2021

5. CONCLUSÃO

Vimos nesta monografia alguns conceitos históricos que trouxeram o *graffiti* moderno como é visto nos dias de hoje. Observamos também que o conceito de *graffiti* abrange várias categorias e modalidades que divergem entre si de várias maneiras, da questão de estilos à questão da legalidade. Através da minha trajetória, podemos perceber que assim como eu, muitos artistas iniciam suas criações de forma irregular para construir experiência na área, praticando sem as restrições de um trabalho comercial, sem temas específicos e sem remuneração, sendo assim a vontade e a finalidade, a própria criação.

Meu interesse em continuar este movimento me levou além de aprimorar na questão técnica, eu busquei conhecer o próprio material utilizado em diferentes vertentes artísticas. Esta etapa pode mostrar como estes movimentos artísticos e contemporâneos do *graffiti* e da arte urbana se desenvolvem ao longo dos anos. Buscar criar os materiais utilizados nestas práticas é um exemplo disso. Não só para mim, mas para vários outros artistas brasileiros, os materiais gerados nessas produções tem sido de grande feito para suas criações.

Mesmo contrariando algumas leis, estes movimentos que são atuais, tem seu passado caminhando junto a evolução da humanidade pelas necessidades mais básicas como a de registros, manifestações, documentações dentre outras funções. O *graffiti* nunca vai acabar, irá evoluir. Um bom e velho *graffiti* na parede de um beco ou uma viela não morre, apenas se desbota.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENNANT, Pamela. **Urban Expression...Urban Assault...Urban Wildstyle...New York City Graffiti**. Londres: Thames Valley University, 1997. Disponível em: <graffiti.org/faq/pamdennant.html>.

JARDIM, Rafael da Costa e Silva. **A democratização do graffiti a partir da web 2.0: Análise da importância da obra de Banksy e Blek Le Rat para o período artístico-cultural contemporâneo**. UFRS, 2011.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. Ed. Brasília: Brasiliense, 1999.

Mello, V. M.; Suarez, P. A. Z. **As Formulações de Tintas Expressivas Através da História**. Rev. Virtual Quim., 2012, 4 (1), 2-12. Data de publicação na Web: 5 de março de 2012

PALACIOS, Lorena. **Diego Rivera: el revolucionario y su arte**. 2017. Disponível em: <<http://periferiafcom.weebly.com/perfil-diego-rivera-el-revolucionario.html>>.

BRASIL, Constituição (1988). Lei 9.605. Capítulo V – Sessão IV, Art. 65. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm. Acesso em: 23 de abr. 2021.

DISTRITO FEDERAL, Decreto 39.174 de 2018. Disponível em: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/fcb75fdbd1104b0f8ed543d1cc2dd9c4/Decreto_39174_03_07_2018.html. Acesso em: 23 de abr. 2021.

PISKE, Oriana, **Proporcionalidade e Razoabilidade: Critérios de Intelecção e Aplicação do Direito - Juíza Oriana Piske**. 2011. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/artigos-discursos-e-entrevistas/artigos/2011/proporcionalidade-e-razoabilidade-criterios-de-intelecção-e-aplicação-do-direito-juiza-oriana-piske>>.

CARVALHO, F. D. C. **Relatório Final do Projeto de Pesquisa**. 2020.

RODRIGUES, Vinícius Martins. **GRAFFITI Azulim: Projeto DF Hip-Hop**. Oficina de Graffiti, Distrito Federal: Sobradinho 2, 2021. p. 6-11.